CONHECIMENTOS UTEIS.

A REVISTA PAGANDO PORTES DE CORREIO!

619 Com profunda magoa, vamos hoje tratar de um ponto de maxima gravidade, que já despertou a attenção do Parlamento.

A Lei do 1.º de julho, ácerca dos portes de correio, não tem sido cumprida na mais importante das suas disposições, e até ácerca das outras, se tem recebido na capital avultado numero de reclamações, contra o arbitrio, com que se inutilisaram quasi todas as suas salutares provisões.

Quanto aos jornaes litterarios, a questão, que podia servir de base ao arbitrio com que tem sido taxados, é muito simples.

O Correio não tem competencia para qualificar os jornaes.

É uma Repartição subalterna, que deve cumprir as Leis e sujeitar-se á organisação judicial do nosso paiz.

A justiça existe entre nós com uma organisação completa, e não é mister que os correios da porta se ornem com a capa dos officiaes de diligencias, nem que os Empregados do Correio mandem buscar aos tribunaes as bécas dos Magistrados.

O Ministerio Publico, cumprindo perfeitamente os deveres do seu cargo, reconhece ha muitos annos os fóros litterarios dos jornaes, que o Correio está desauctorando de tal qualificação.

A *Gazeta dos Tribunaes*, a *Epoca*, e a Revista, foram intimadas pela censura prévia do Correio para que realisassem um sonho d'aquella boa gente, sendo jornaes *puramente* litterarios.

Mal que soubemos do caso, quisemos iniciarmo-nos nos sublimes preceitos, que presidiam a tal censura.

Só uma coisa, seja dito em abono da Administração do Correio, póde egualar os absurdos e os escrupulos infundados e enfadonhos, que encontrámos; e vem a ser a urbanidade e a delicadeza com que fomos tratados.

Quizeramos que todos os nossos collegas da imprensa litteraria se houvessem resolvido a estudar, na fonte pura, o texto da Lei, em que devem viver.

Se assim fôra, já a *Revista Popular* não estaria a esta hora em riscos de ser taxada; e como o redactor é nosso amigo, vamos dar lhe um conselho, e é, que não repita noticias, como a que publicou esta semana, ácerca de um entalhador que foi atropellado por uma carroagem, e ficou impossibilitado de continuar a ganhar sua vida. Poderá ser que o chefe de uma das Repartições do Correio, — parece nos que o da Repartição das Cartas, encarregado da leitura dos jornaes, — não désse por tal; mas não será bom contar com estas involuntarias condescendencias, por que tambem a Revista foi, por mais de uma vez, expedida franca de porte; mas como um dia viram, que trazia um indice dos Actos Officiaes, e os preços dos papeis de Credito, em varias Praças de Commercio, bem como dava, a certas noticias, uma redacção que não era *puramente* litteraria, foi para logo considerada como não sendo jornal litterario!!

Por este modo, nem mesmo obedecendo á censura do Correio, é possivel contar com o favor da Lei, que se póde perder pela redacção de um artigo; e sirva de exemplo o seguinte — Houve um desastre na valla da Azambuja; — ¿ e que fizemos nós? — Noticiámos o caso; calculámos o prejuizo, e sentimos o desastre. Toda a gente vê, que este artigo nada tinha de similhante com o artigo de fundo de qualquer jornal politico, ou com os seus artigos de polemica; mas não é *puramente* litterario, pois que para possuir as qualidades, que o Correio attribue a esta *ordem* da sua classificação artificial de artigos, era mister que dissesse — Houve o desastre por este ou aquelle defeito de construcção.

Os nossos leitores hão de confessar que a isto é que se chama interpretar uma lei, com todo o rigor.

Nem nos tribunaes, ao tractar de decidir sobre a vida ou morte de um homem, se estudam tam profundamente os artigos das Leis, e se dão tractos de polé á imaginação como no Correio, para que não escape aos dez réis da taxa dos jornaes politicos qualquer publicação que não seja *puramente* litteraria.

O assumpto anda tam perto da caricatura, que nos custa a levantal-o, para a esphera de uma discussão aturada e puramente juridica.

Quando chegamos a este ponto, não podemos escrever uma linha, porque não é possivel convencer nos, de que valha a pena de promover tantos clamores com um arbitrio, que todo é em prejuizo do desenvolvimento das letras, porque ao cabo era em seu proveito, que resultaria qualquer desses abusos com que a Administração dos Correios anda sonhando.

Não contendo a Revista, nem podendo conter artigo nenhum politico, não dando noticias politicas do paiz nem de fóra do paiz, e sendo portanto á face da Lei e da nação, um jornal litterario, protestámos juntamente com os actuaes Proprietarios, logo que nos constaram as intenções do Correio. Apezar do nosso protesto, das rasões ahi expendidas, o Correio taxou a Revista como jornal politico!!

Este facto é para nós como uma accusação, que devidamente havemos de repelir, limitando nos hoje a annunciar a sua existencia, porque esperamos que o Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, e as Camaras providenceem contra estes desgraçados conflictos, que estão transformando uma lei excellente e protectora da imprensa litteraria, em uma causa constante de embaraços e de graves prejuizos.

Fecharemos ainda com mais uma ponderação. Se o arbitrio continuar, se fôr o Correio quem baptise os jornaes litterarios, é mister para se applicar o rigor daquella feliz lembrança — do *puramente*, que para haver certeza na continuada expedição de qualquer periodico franco de porte, o Correio se preste a lêr as provas antes de lêr os jornaes. Pela nossa parte não iremos lá ainda que tal annuncio se faça.

Como particulares, teriamos muita satisfação de ouvir a opinião não só de todos os empregados do Correio, mas de quaesquer pessoas, sobre o que escrevemos; mas como jornalistas, como fieis observadores das Leis, que regulam entre nós o exercicio da liberdade do pensamento, ainda que o primeiro sabio da Europa fosse empregado do Correio, não lhe admittiriamos a sua censura, fosse qual fosse a mascara com que se encobrisse, nem em uma linha escripta com a nossa penna.

Os deveres da posição, em que estamos, são as unicas causas do nosso proceder. Não reconhecemos consideração nem conveniencia acima da Lei.

MEMORIA APPREZENTADA PELO CONSELHO DA ESCHÓLA NAVAL, PARA ESCLARECIMENTO E CONFIRMAÇÃO DO PROJECTO, QUE PROPÕE PARA A REFORMA D'AQUELLE ESTABELECIMENTO.

620 2.° Vejamos agora quaes são os objectos, que deve conter o curso de estudos para os alumnos de marinha.

As mathematicas elementares são a introducção indispensavel a toda a habilitação para uma arma scientifica.

Esta instrucção deve ser completa no curso de marinha, comprehendendo a arithmetica, a algebra, e a geometria elementares, a trigonometria rectilinea, e pelo menos parte da geometria descriptiva.

Na Eschóla Naval franceza esta ultima sciencia é completamente professada; no programma da organização, que se propõe o Concelho entende que esse curso deverá ser muito menos desenvolvido, comprehendendo o que diz respeito aos problemas da linha recta, e do plano.

Desse modo, o curso respectivo terá uma extensão egual a um terço talvez do da Eschóla franceza. — Resumido como fica este ensino, ainda assim será de uma grande utilidade não só no estudo da construcção naval, como em geral para a representação graphica de machinas, e construcções, em que se empregam os principios da geometria descriptiva, mesmo para uso das profissões fabris. — Seria pouco decente, que em Portugal ignorasse um official de marinha, o que em França conhece uma grande parte dos mestres que dirigem trabalhos de carpinteria, e de córte de pedras.

As sciencias applicadas, que devem ser incluidas no curso de marinha, exigem para a sua intelligencia uma parte ao menos das mathematicas transcendentes. Por isso ficam exaradas no programma (artigo 5.°) os elementos de algebra superior, de geometria analytica, e de calculo infinitesimal. — Este curso deve ser muito menos desenvolvido do que aquelle que é hoje professado na Eschóla Polytechnica; deverá provavelmente reduzir-se a uma extensão metade menor, eliminando para esse fim tudo aquillo, que não haja de ter necessaria applicação subsequente.

O estudo da mechanica, de uma utilidade incontestavel, deve ser tractado de uma maneira muito elementar, omittindo todas as theorias transcendentes, que exigem consideraveis conhecimentos de calculo, desenvolvendo principalmente o que póde ter applicação ás machinas usadas a bórdo e nos arsenaes, e ás manobras, e qualidades do navio, á artilheria, á construcção naval, e á astronomia.

Em quanto a estas ultimas sciencias, a artilheria theorica convirá ser tractada com mui limitada extensão; e deverá haver um resumido curso em que se exponham as sufficientes noções de fortificação, indispensaveis a um official de marinha. A construcção naval deve comprehender além das descripções, e nomenclatura, noções muito geraes sobre os processos daquelle ramo d'instrucção. No curso de machinas deve dar se o desenvolvimento necessario ás machinas de vapor applicadas á navegação: a theoria do navio é forçoso restringir-se a muito pouco, não só pela transcendencia de muitas das suas indagações, mas pela pouca utilidade de applicação pratica, que tem a maior parte das suas theorias.

A astronomia nautica, sciencia de tão continua applicação nas viagens de longo curso, deve ser tractada com toda a extensão precisa; a confecção dos calculos, e pratica das observações merecem um desvello particular no curso de marinha. — A este curso se accrescentam os principios, e praticas da hydrographia, com o fim de habilitar os alumnos, que ulteriormente possam ser empregados no fazimento de cartas hydrographicas, não só do continente, como das muitas paragens de nossas possessões ultramarinas a respeito das quaes se sente ainda a falta de conhecimentos positivos, e exactos.

O curso de tactica naval deveria reduzir-se unicamente ás primeiras noções daquella sciencia, deixando a acquisição de mais vastos conhecimentos á curiosidade e applicação futura dos alumnos, visto que sómente nos postos elevados é que poderá vir a tornar-se necessaria mais ampla instrucção naquelle ramo.

Além destes conhecimentos de uma necessidade indispensavel, ha outros não menos uteis e importantes. — Os elementos de physica, e algumas noções de chimica, que nos paizes mais adiantados, no nosso mesmo, segundo a lei vigente, entram até na instrucção primaria, seria altamente prejudicial, seria vergonhoso que não formassem parte da instrucção do official de marinha.

¿Pois elle que tem de luctar constantemente com os elementos, para quem as variações athmosphericas, a electricidade, o magnetismo, a luz, e outros ramos da physica são de tanta importancia para o melhor governo, e conservação do navio em que habita, e para o melhor uzo dos instrumentos de que tem a servir-se — teria de ir procurar, a custo e na sua experiencia propria de muitos annos, aquillo que facil e previamente podia ter adquirido n'um breve curso de physica?

A falta de conhecimento dos principios desta sciencia induz a erros grosseiros, e que muitas vezes podem ter consequencias da maior gravidade.

Para não multiplicarmos exemplos em abono desta asserção bastará citar um facto, dos mais notaveis a tal respeito. — Ninguem duvida da importancia, que tem para um official de marinha o conhecimento dos phenomenos meteorologicos.

Ora entre a maioria dos individuos, que tem muita pratica da vida do mar, é opinião vulgar que a lua tem uma influencia decisiva sobre o estado do tempo; nada mais frequente do que ouvir aos praticos attribuir á proximidade d'uma sysigia ou quadratura uma consideravel variação athmospherica; todavia se esses individuos houvessem estudado um pouco uma sciencia para elles tão necessaria, se com algum conhecimento da physica, tivessem procurado discutir os fundamentos daquelle preconceito alias tão geral, reconheceriam que a lua é inteiramente estranha á efficaz intervenção que se lhe suppõe, e que todas as observações devidamente analysadas provam só que a influencia daquelle astro na variação do tempo é absolutamente nulla, ou pelo menos *nada prova*, que ella exista.

Não menos são de utilidade algumas noções de chimica, sciencia de que dependem muitas das artes relativas á marinha, e em cujos processos frequentemente é obrigado a intervir o official de marinha ou para os dirigir ou para os inspeccionar.

Vem do n.° 34.

Um estudo, que reputamos egualmente de uma necessidade urgente, é o familiar conhecimento e uso devido da lingua patria, as noções de historia e de litteratura, n'uma palavra a habilitação necessaria para que o official de marinha, que infinitas vezes representa um papel importante em viagens a nações estrangeiras, não vá dar ahi um vergonhoso documento da ignorancia das classes, que deviam ser illustradas no seu paiz — O official de marinha frequentissimas vezes tem de redigir relatorios das suas viagens, tem de corresponder se com auctoridades nos dominios ultramarinos, e em nações estrangeiras, e muitas vezes representa o importante papel de arbitro, ou plenipotenciario em graves questões de direito internacional, em que a honra e interesses do seu paiz podem achar-se gravemente compromettidos, se esse official não tiver a necessaria e sufficiente instrucção. — ¿ E como poderá um official da marinha nacional desempenhar tão elevados e difficeis encargos se elle fôr incapaz de conceber, e redigir um relatorio, de traçar uma allegação, e até de escrever um officio, que se não limite ás phrases banaes do serviço quotidiano?

Em abono destas considerações, seja nos permittido citar a auctoridade respeitavel da commissão de aperfeiçoamento da Eschóla Naval franceza, transcrevendo do relatorio feito em 1840 o seguinte periodo: — « É um « dever para todo o official, bem como para todo o ho- « mem, que tem a desempenhar funcções publicas, « possuir os elementos da lingua nacional, e poder ex- « por as suas idéas com clareza, e concisão. — Os offi- « ciaes de marinha teem frequentemente necessidade de « dirigir relatorios aos seus chefes; no decurso de suas « viagens, teem occasião de tratar com estrangeiros ins- « truidos, e seria vergonhoso, que não soubessem es- « crever e fallar a sua lingua: etc. etc. »

Isto que se diz e defende em França tem uma applicação muito mais rigorosa em o nosso paiz, onde não ha um systema de instrucção primaria e secundaria, em que se dê a consideração devida aos conhecimentos litterarios — onde é frequente encontrar individuos, que apoz terem terminado um curso de estudos superiores, não se acham aptos para escrever decente e correctamente uma exposição sobre qualquer objecto que seja — de mediana importancia.

Estas considerações todas servem para demonstrar a rigorosa necessidade do curso de litteratura, que é incluido no programma dos estudos da Eschóla, e no qual devem comprehender-se os principios de direito internacional, e de geographia geral.

Depois de indicada circumstanciadamente a conveniencia de cada um dos ramos de ensino theorico, será ocioso justificar a utilidade de cada um dos cursos praticos que se acham nomeados no mencionado programma. Varios delles acompanham forçosamente os cursos theoricos de que são dependencia e applicação; e em quanto aos outros basta citar o seu objecto para se reconhecer a sua vantagem.

Poderia parte do curso scientifico ser exigido como habilitação dos candidatos previamente á sua entrada na Eschóla?

Em primeiro logar, seria uma supposição fallaz em Portugal contar com a instrucção scientifica, que os candidatos poderiam alcançar fóra dos estabelecimentos de instrucção publica. Se porém se supposesse que elles se habilitavam v. g. na Eschóla Polytechnica, só podia exigir-se-lhes o primeiro anno mathematico, por quanto o segundo anno do curso dessa Eschóla é tractado com uma extensão muito superior áquella, que o Conselho reputa indispensavel para o curso de marinha — o qual comprehenderia quatro annos como hoje succede, se tambem fosse requerida aquell'outra habilitação.

Mas ainda mesmo a frequencia do primeiro anno na Eschóla Polytechnica não deverá sancionar se, principalmente se se adopta o systema collegial, que o conselho propõe. Naquelle estabelecimento é muito raro que um alumno obtenha aos 14 ou 15 annos approvação na primeira cadeira, e por isso não será possivel que a quazi totalidade delles conclúa o curso geral, e possa embarcar aos 16 ou 17 annos, o que como já dissemos tem a mais decidida utilidade. — Além de que a residencia de mais um anno na Eschóla permitte uma mais ampla instrucção nos exercicios praticos, e no estudo das linguas.

(*Continúa.*)

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXXIV.

621 Parece que tenho hoje um pêso sobre o coração.

Sem o saber, sinto augmentar a tristesa, que sempre me encobre a alma.

Quando assim me desconheço, nunca anda longe uma grande desgraça.

Desde que meu pae tornou a adoecer, não escrevi, nem sequer uma palavra.

Hoje folheei estas paginas, mais para lhe escrever só um nome, do que para lhes confiar o que sinto, e que não sei explicar. Margarida, que me não sahe um instante do pensamento, padecerá a esta hora, tanto como eu!

Se nos não amassemos, seriamos menos infelizes!

¡ Mas para que me hei-de conspirar contra o amor, se lhe devi tanta ventura, em quanto uma nuvem ensanguentada não appareceu na aurora da minha vida!

Trabalho sempre para que os padecimentos me entornem na alma o balsamo da esperança, em logar de me cravarem no coração o espinho do desespêro.

Louvado seja Deus! o infortunio tem sido para mim o caminho da fé.

Ha uma ventura no mundo, que só o christão póde gosar: — a sua alma nunca encontra a duvida no caminho da amargura.

* Vem do n.º 34.

Amei sempre a Margarida, como se o sentimento do meu amor fôra mais um culto, do que uma paixão.

Uma hora de saudades era, no tempo da minha liberdade, como um mez deste encarcerado padecimento, que parece dobrar o tempo!

Assim como creio em Deus, creio que só uma vez na vida se póde amar assim.

Para eu sentir que vivia, era mister vêr Margarida, e ouvir-lhe aquella voz, que parecia uma harmonia, e que eu, debalde, tantas vezes desejo escutar.

Levava horas inteiras a estudar a alma, que eu ambicionava possuir, como o maior dos conquistadores desejaria o mais poderoso imperio da terra.

Quantas vezes a minha pobre mãe teve dó de mim, e me dizia: — «Admira-me que com esses altos espiritos, que Deus te deu, estejas ahi feito uma creança a scismar em ninharias, que nada valem.»

O que a sombra do tumulo faz parecer de pouca monta, é o que mais interessa quando se vê á luz brilhante, que allumia o periodo mais florido da existencia.

Em todas as palavras, que lhe ouvia, até nas mais indifferentes, pertendia adivinhar, se a minha paixão era verdadeiramente comprehendida, e se no seu coração o amor ateára uma chamma tam forte como a que parecia devorar-me a alma.

A desventura privou-me de conhecer o que tam anciosamente desejei saber!

Se por modo tam fatal se me havia de revelar aquelle amor, antes nunca o soubesse!

É quasi um crime, querer descortinar, no seio da alma, o amor casto e puro, de que ella mesma se arreceia.

Se já uma vez me tinha dito—«Amo-te, Paulo!» — para que desejava eu saber mais?

¿Mas bastariam só estas palavras? Não. Para eu ser feliz, era mister que por largo espaço se me provasse que eram a traducção de um sentimento que inteiro lhe tomava a alma.

Aquelle pobre anjo não comprehendia este meu desejo: não o podia comprehender.

O seu pensamento incerto no vago phantasiar do seu fantastico futuro, parecia não atinar com as causas da minha anciedade!

Ai! Se eu agora a podéra vêr — de joelhos lhe pediria perdão de haver coberto o nosso amor com o véu da duvida nessas vigilias, de que só Deus sabia; e havia de dizer-lhe:

«Margarida, eras um mysterio de amor, resguardado pelas bençãos do Eterno: não podiam olhos de homens vêr o que a tua alma reflectia do céu. . . . . amavas, mas como os anjos amariam se podessem descer á terra, ainda envoltos na Graça Divina. Nas mais atrevidas visões do meu sonhar de accordado, nunca pensei que seria assim amado. Sequioso da ventura, que a imaginação me andava debuchando com as mais primorosas côres, queria por força desfazer as illusões, que a duvida me tecia no pensamento!»

«Nas pregas desse manto, casto e candido, talhado no céu, para guardar o teu coração, jazia adormecido, e talvez escondido aos teus olhos, esse sentimento, que no seu acordar te roubou a rasão!»

«¿Como havia de eu descobrir o que talvez Deus te escondêra? Como havia de eu lêr na tua alma o que teus olhos não percebiam?»

«São assim os homens, Margarida; duvidam sempre; não se julgam amados, como desejam, por que não sabem crer, no que mal comprehendem, por que não amam nunca tanto, como julgam amar.»

«Não ha paixão de homem que valha o amor de uma mulher. Sei-o eu agora, Margarida: eu que nunca o suspeitei, só porque te vi endoidecer de amor. Doida!»

É verdade, Margarida está doida.

Santo Deus, onde me leva este delirio, que do fundo do abysmo, para onde a tristeza me arremeçára a penna, a faz surgir para correr pelo papel, como se a levára o pensamento.

Se esta incerteza, que me devora, se este delirio que me queima a cabeça, como uma chamma, fossem as chaves, que me abrissem as portas do futuro, entre o leito, em que meu pae está padecendo, e o carcere, em que Margarida se definha, talvez eu visse alguma esperança.

Ai! Virgem Santa, que imaginação é esta minha! Entre dois tumulos se levanta uma forca!

Falta-me o ar. . . . não sei o que escrevo. . . . um laço, que não acho para despedaçar, me suffoca e me faz callar a voz e o pensamento.

(Continúa.)

AUTO DA BOA ESTREA.

Publicando a carta, que se segue, bem como a preciosissima poesia, que a acompanha, cumprimos o que ha muito haviamos promettido aos nossos leitores.

Não deixámos de empregar o nosso tempo em as diligencias de que então fallámos: — por em

quanto ainda não encontrámos coisa, que devessemos publicar. Assentámos em não privar o publico por mais tempo da posse de tam peregrina composição, e ahi a damos a lume — esperando que diligencias estranhas sejam mais felizes do que as nossas.

—

Sr. Redactor.

622 Tenho a fortuna de offerecer a V. uma preciosidade tamanha, que, se me não engano, é unica; pois é um poema portuguez inedito, o qual se refere, nada menos, que ao reinado de D. Sebastião; a essa épocha memoravel, em que floreceram: Camões, Diogo Bernardes, e seu irmão, Corte Real, Ferreira, Sá de Miranda, Antonio de Castilho, etc.

Este Antonio de Castilho, como V. muito bem sabe, foi Guarda-mór da Torre do Tombo, e Chronista mór do Reino, e um dos homens, *que melhor fallaram a Lingua Portugueza*, a juizo de todos os doutos segundo escreve Severim. Ferreira e Bernardes o tinham no maior apreço, como se vê nas cartas em verso, que ambos elles lhe dirigiram. Era critico, poeta, historiador e philosopho; porém de obras suas impressas, não me consta, senão de duas em prosa, mencionadas pela Academia Real das Sciencias, na noticia que dá deste auctor no Cathalogo que precede ao seu Diccionario da Lingua, e que eu tenho á vista.

A Bibliotheca Lusitana de Barboza tambem não menciona o poema, que eu offereço a V. para o seu Jornal; todavia, parece me que se não deve, nem se póde duvidar ser realmente de Antonio de Castilho, cujo nome tinha o manuscripto quasi illegivel donde o copiei; porém a linguagem, e mais circumstancias dramaticas, quanto eu o posso avaliar, me parece condizer com as da épocha, assim como o assumpto.

V. como muito mais sabio do que eu, e achando-se n'uma capital onde não faltam recursos de Bibliothecas e de sabios, poderá emittir um juizo mais seguro, e mesmo talvez descobrir alguma outra copia da mesma obra, que confirme, ou destrua a minha persuasão.

Em todo o caso, lembro que não seria máu, fazer-se alguma pesquiza lá pela Torre do Tombo, pois com quanto aquelle archivo não seja de Bellas Letras, póde ser que lá exista alguma collecção do seu antigo Guarda-mór; que por isso mesmo que as não imprimiu é muito natural que as desejasse perpetuar d'algum outro modo: achado esse, que se se fizesse, mereceria sem duvida festejado; cabendo-me a mim dessa gloria, uma pequena parte, por ter aventado a lembrança.

O livro, donde trasladei o *Auto das Boas Estrêas*, é um folio de seiscentas e vinte cinco paginas, com o titulo de: *Miscellanea de Versos e Prosas*, todo de letra de mão, e cuja escripta não inculca maior antiguidade; pelo que me parece que poderia ser já traslado de outra egual collecção, ou então, uma compilação moderna de coisas de valor, feita por algum curioso.

Se V. apreciar, como espero, esta minha offerta, o que eu muito lhe hei de agradecer, remetter-lhe hei mais algumas peças do referido volume, e nomeadamente, alguns conceitos poeticos que vem com o nome do immortal Luiz de Camões, e que eu não encontrei em nenhumas das edições, que pude consultar das obras deste poeta.

Approveito esta occasião para dar um publico testimunho da minha gratidão, pela franqueza com que o meu amigo, o Sr. Doutor *** me facilitou o livro de que é proprietario, e do qual, apezar do grande apreço em que o tem, me facultou copiar eu o que me aprouvesse.

Concluo, advertindo a V. que a pontoação e a orthographia, não são exactamente as do original, pois que estas eram defeituosas e insufficientes; nesta parte, entendi, dever antes seguir o bom senso, que o escrupulo fanatico; mormente, attendendo a que não estava trasladando de nenhum authographo.

Tenho a honra de ser de V. o mais constante leitor

Villa da Ribeira Grande,
1.° de Janeiro de 1848. *L. F. Leite.*

—

AUTO

CHAMADO DA

BOA ESTRÊA

AUCTOR

Antonio de Castilho.

Representado ao muito alto e poderoso Senhor, Rei D. Sebastião, o 1.° do nome; nos seus

Paços da Ribeira,

Aos vinte e tres de Junho do anno de Nosso Senhor Jesu Christo

1578.

Pessoas, que fallam neste Auto.

Um Moiro — Fada Marinha — O Deos Marte — Choro de Diabos — Choro de Serafins.

SCENA I.

Entra o ERMITÃO, *que faz o Prologo, e diz:*

Da Serra de Cintra por Deos enviado
Por estes grãos Paços entrei da Ribeira,
A ver-vos Rei Alto, cabeça guerreira
Do Reino esforçado.
E pois vossa frota lustrosa e possante
Ja sofrega dizem que aguarda a partida,
Primeiro que o ferro soberba levante,
Aqui virá logo, Senhor, quem vos cante
Qual sorte dos fados vos foi prevenida.

Entra o MOURO.

Em Tetuão me foi dito
Que um grão Rei da Christandade,
Imigo do nosso rito
Tinha exercito infinito
No porto desta Cidade.
Parti logo em continente;
Porque se fosse que a armada
Punha proa em nossa gente,
Eu a sumisse afundada
De repente.

Entra a FADA.

Eu sou a Fada Marinha,
A amiga dos marinheiros,
E desta terra que é minha.
E vim ora a ella azinha
Com cuidados verdadeiros:
Que em mal dos meus Lusitanos
Ouvi ser vindo um mouraz,
Grande enliçador de enganos,
Que com os feitiços que traz
Fará sessenta mil damnos,
Se lhe praz.
Mas eu porém determino,
De estar sempre de vigia
Contra aquelle cão maligno:
E veremos se o seu signo
Contra o meu signo aporfia.
Elle cá é. — Mouro mano,
Quanto folgo de vos vêr
Neste Jardim Lusitano!

MOURO.

Serêa do mar Oceano,
Hajais vós mui grão prazer!

FADA.

¿Como d'Africa viestes?
Que vos não senti passar!

MOURO.

Vim em nuvem pelo ar,
Que é carrossa mui mais prestes
Que não galés pelo mar.

FADA.

Grão poder é logo o vosso!
E em que vos determinaes?

MOURO.

Em um grão feito, se o posso:
Juntemos o poder nosso;
Que assim poderemos mais.

FADA.

Contente sou: mandai ora;
E eu farei o que bem seja.

MOURO.

Fazei que sáia em má hora
A armada, porque se veja
Que sois vós a Emperadora;
E antes que em Africa apórte,
Vosso grão Mar a consuma:
Heis soffrido um jugo fórte:
Quebrai-o, e trophéos d'escuma
Lhes arvorai sobre a morte.
E eu me obrigo, que do Atlante
Até ás pedras do Egypto,
Vosso esforço a tudo espante;
Tudo, Senhora, vos cante,
E vos beije o nome escripto
Em diamante.

FADA.

O perro cuida embaír-me;
Veremos nós quem se engana.
— Senhor, não quero eximir-me;
E pois vosso ajuste é firme
Hermano allarés la hermana.
¿E vós sabeis bom conjuro
De bem damnado empecer?

MOURO.

Não no ha hi mais seguro:
Conjuro de gallo suro
Morto depois de comêr,
Com rins de demoninhado,
E olhos de sapo saltão;
Conjuro mui bem temperado,
O qual me fôra ensinado
Nas covas de Salamão.
Tudo é dentro nesta Vara,
Que em eu riscando com ella,
Logo uma fonte secára,
E uma estrella se apagára,
Que nunca mais fora estrella,
Nem se achára.
E mais se o vós quereis vêr,
Com uma palavra que eu dér
De São João em latim,
Logo vereis a correr
Quem me dá esforço a mim
Em tudo de que hei mister.
— Ora sus
Moradores infernaes,
Demonios que arrenegais
Da agoa benta e mais da Cruz,
Vinde já;
E trazei cem mil agouros,
Com que vençam nossos Mouros
Toda esta gente de cá.

(Aqui bateu com a vara no chão trespancadas; entrou um bando de diabretes, saltando e cantando em derredor do Mouro).

DIABRETES, *cantando.*

Que nos chamas
Dentre as chamas,
Poderoso!
Que nos tiras
Dentre as pyras
Aleivoso!
Ha hi mandas?
Que demandas?
Tens demandas?
Que nos mandas?
Feia é a terra!
Feio é o mar!

Feio é o Céo!
E feio é o ar!
Feia é a noite com luar!
Feio é o dia com o Solar!
Presto avia, ou nos envia;
Nos afunda na mais funda
Da profunda do raivar.

MOURO.

Callai, manos.
Quanto ora digo fazei:
Ide aos astros soberanos,
Ler os destinos de El Rei,
Mais os dos seus Lusitanos:
Se virdes que são piedosos,
Apagal-os e arrancal-os
Esses taes.
Mas a serem rigorosos,
Assopral-os, inflammal-os
Muito mais.

(A Fada Marinha tirou a vara ao Mouro, dando todos os diabretes uma gargalhada infernal.)

FADA.

Verei ora a vossa vara
O poderio que encerra!

O MOURO *em grande confusão.*

Quereis rir?
Para nada vos prestára!
Hontem a cortei na Serra
Sem mentir;
Sem ella não dera passo;
Que sou gastado dos annos,
Inda mal!

FADA.

Mas quero eu ver mais d'espaço
Os seus feitiços e enganos,
E não al.

MOURO.

Mana, rosto de boninas,
Manso Abril de Alexandria,
Meu amor,
Deos vos chova perlas finas
Como a Vara é sem valia,
Nem valôr.

FADA.

Porque logo instaes por ella?
Ou me enganaes, ou mentistes:
A la fé
Que a verdade hei-de eu sabel-a.
(Quebra a vara, e sahe della muito fogo.)

MOURO.

O meu poder destruistes!
Já meu imperio não he!

(Os diabretes travaram ao mouro, uns pelas roupas, outros pelas mãos, e o levaram com grande vozeria.)

SCENA 2.ª

Torna o ERMITÃO *que fez o Argumento da primeira Scena, e diz:*

Depois que mettêra no charco infernal
Ao perro maldicto com as tramas que ordia,
A Fada Marinha, que sempre vigia,
Desvellos redobra com o seu Portugal:
Pois seu lhe ha chamado
Já lá desde o tempo de Fuas Roupinho,
Até estes nossos, por ver alastrado
De palmas continuas seu campo marinho.
O Infante de Sagres á luz das Estrellas
Com ella tractava segredos profundos:
Pedr'Alvares, Gama, pediam-lhe mundos;
E mundos não vistos lhe viam as vellas.
Em summa que sempre de amor se morrêra
Por estes seus Lusos, Tritões humanados:
Té que alfim aos d'elles juntando seus fados,
A Manoel ditoso seu dote offerecêra,
E esposos se uniram com laços doirados.
Por isso procura trazer dos planetas,
A Vós, seu grão Neto, destinos propicios,
Com que se destruam dos feros cometas
Os negros auspicios.

FADA.

Oh signo de Salamão,
Que lançado foste ao Mar
Pela sua benta mão,
E que eu logrei apanhar
Em noite de São João;
Pelo poder e Condão
Que o Altissimo te deu,
Traze aqui, que o mando eu,
Lá da Eternal Região
Os Serafins mais amantes,
Mais Sabios, e mais galantes;
De quantos moram no Céu.

(Entra um bando de Serafins coroados de flôres com suas harpas doiradas nas mãos.)

CHORO DE SERAFINS — *dançando e cantando.*

Cantares teçamos,
Com festas e riso:
Que a terra onde estamos
Inda é Paraiso.

DIZ O MAIORAL DOS SERAFINS:

Que desejas boa Fada,
Gran Senhora, e Gran Princesa,
Nossa irmãa?

FADA.

Que me fadeis bem fadada
Esta armada portugueza,
Tão louçãa.

CHORO DE SERAFINS — *cantando.*

Mui abençoada,
Suas vellas solte:
Rica e laureada
Presto presto volte,
Leve e traga as vellas
Cheias e redondas;
Riso nas Estrellas,
Musica nas ondas,
Serêas amigas,
Ao ir e ao tornar,
Lhe cantem cantigas
De summo folgar:
Para lá espranças,
Para cá victorias;
E sempre bonanças,
Bonanças e glorias.

FADA.

Agora que a nossa Armada
Já tem condão mui certeiro,
Falta El Rei.

Quero aqui o Escudo e Espada
Do Grande Affonso Primeiro.
Sus correi.
(Sahem dois dos Serafins.
Quero mais o Capacete.
Do Imperador Carlos Quinto.
Sus voae.
(Vão-se outros dois dos Serafins.)
Tudo triumphos promette:
Agora, perros, consinto,
Brasfemai,
Serafins, manos, rosinhas,
Oh empirias borboletas
Eternaes,
Ide-me vêr os planetas;
Se dão sortes como as minhas,
Tão reaes.
Se topardes por acaso
Com o Deos Marte em sua sphera,
Lhe pedi,
Por Venus e por Cithera,
Que pondo tudo al de parte,
Venha aqui.
(Partem outros dois Serafins.)

(Chegam os dois primeiros, trazendo um o Escudo, outro a Espada de D. Affonso Henriques.)

UM DOS DOIS SERAFINS.

Aqui vem a Espada e Escudo
D'aquelle alto Affonso Henriques,
Que lá jaz.

OUTRO SERAFIM.

E porque te certifiques
De quão bem cumprimos tudo,
Ouvirás:
Batemos ao seu Moimento;

O 1.° SERAFIM.

E elle bradou acordando,
Quem é lá?

2.° SERAFIM.

Dissemos-lhe o nosso intento:

1.° SERAFIM.

Abriu, e disse folgando:
Aqui está.

2.° SERAFIM.

E nos deu o que estás vendo,
Com estas palavras suas,
Como Lei:
Parta meu Neto, que entendo,
Que logo das gentes cruas
Será Rei.

(Voltam os dois Serafins, que tinham hido pelo Capacete, e o apresentam.)

UM DOS DOIS SERAFINS.

Capacete diamantino,
Inda coroado de Louro
Imperial.

2.° SERAFIM.

Por condão que ha do destino,
Nem montante nem pelouro
Lhe faz mal.

(A Fada tomando das mãos dos Anjos a Espada, o Escudo, e o Capacete, os foi appresentar aos pés d'El-Rei.)

A FADA *para El-Rei.*

Grão Principe, e Flor de Reis,
Se de Monarchas imigos
Ricas pareas recebeis,
Mais ricas hoje as haveis
Dos vossos mortos e antigos.

(Entra Marte com os dois Serafins, que por elle forão.)

MARTE.

Senhora do Mar profundo,
Corôa das Fadas Marinhas,
Que ordenais?

A FADA.

Que ao Primeiro, sem segundo,
Sebastião glorias minhas,
Assistaes.

MARTE *para El-Rei.*

Quisera-vos eu prendar,
Alto Principe excellente,

Com algum dom singular,
Porque não ficasse á gente
Mais nada que desejar:
Mas porém,
Meu coração esforçado
Ja Vossa Alteza o lá tem,
Que ha muito m'o ha tomado
E em sí o guarda mui bem.
(Vai-se Marte.)

A FADA *para os Serafins.*

Oh reaes Pagens da Tocha
Da Sancta Virgem Maria,
Dizei-me nos Céos que havia?

UM DOS ULTIMOS SERAFINS *que entraram.*

Um signo que desabroxa,
Com muito grande alegria.

A FADA *voltando-se para a Rainha D. Catharina.*

Recebei-me, e dai-me embóras,
Pelo que o signo advinha,
Oh Poderosa Rainha.
(para a Princeza.)
Oh alta D. Maria,
Princeza de tantos bens,
Acceitai meus parabens.
(para as Damas.)
Lirios, Papoulas, boninas,
Aljofradas, diamantinas,
Cheirosas, e preciosas,
Ramilhete desatado
Em cima do Regio Estrado,
Como em ledo altar as rosas;
Vós donzellas, vós serêas,
Havei-me boas estrêas
No que a vosso Irmão ouvis;
Pois que os vossos servidores
Tem de volver vencedores
D'aquella Guerra feliz.
(para os Serafins.)
E pois não ha que mais queira,
Cantai n'essas harpas d'ouro
Que tanto bem seja eterno;
Cantai-o, e por tal maneira,
Que façais raivar com o mouro
Todos os chóros do Inferno.

(O Chôro dos Serafins cantou acompanhado de suavissima toada de harpas e flautas, e o dos Diabos lhe respondeu subterraneamente acompanhado de trompas, bozinas e timballes.)

UMA VOZ DE SERAFIM *cantando.*

Para os Ceus partamos:
Em volvendo a Armada,
Com palmas e ramos
Faremos tornada.

OUTRA VOZ DE SERAFIM.

Faremos tornada,
Com palmas e ramos,
Em volvendo a Armada,
Que nós vigiamos.

CHORO DOS SERAFINS.

Anjos não esquiva
Bençam lhe trazei.
Viva, viva viva
Viva, viva El-Rei!

CHORO INFERNAL,

Em hora de prantos,
Em hora mingoada,
Em hora d'espantos,
Se parta essa armada!
E cresça indomada
Dos mouros a grey.

CHORO DE SERAFINS.

Anjos não esquiva
Bençam lhe trazei.
Viva, viva viva
Viva, viva El-Rei!

AS DAMAS DO SARÁU.

Anjos não esquiva
Bençam lhe trazei.

TODOS OS CAVALLEIROS.

Viva, viva, viva
Viva, viva El-Rei.

(Os Serafins, as Damas e os Cavalleiros, cantárão todos junctos que foi muito para folgar.)

Anjos com fé viva
Bençam lhes trasei
Viva, viva viva
Viva, viva El-Rei.

E aqui deu fim o Auto da BOA ESTRÊA.

BREVES REFLEXÕES SOBRE A PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE. *

623 Pelo decreto de 5 de junho de 1844 é permittida a importação dos generos seguintes, sendo de producção portugueza e levados em embarcação portugueza:

Polvora. — Armas de fogo e brancas. — Sal. — Sabão. — Rapé de todas as qualidades e tabaco em pó. — Vinho de todas as qualidades, excepto o de Champanhe. — Licores. — Aguas-ardentes. — Vinagres. — Azeite de oliveira, de côco, e de palma. — Zuartes, chitas azues. — Foices. — Foicinhas. — Machados. — Enxadas. — Pregos de todas as qualidades. — Chapéus de todas as qualidades. — Panno de linho. — Carne de porco fumada e ensacada. —

* Vem do n.º 34.

Moveis e quaesquer trastes de madeira. — Fato e calçado feito.

São prohibidos quaesquer generos e mercadorias, cuja importação seja prohibida em Portugal, na Pauta Geral das Alfandegas.

Não se comprehende na disposição d'esta tabella a agua-ardente de canna, que continuará a ser admittida em quanto se não tomar medidas adquadas sobre este objecto.

Para bem avaliar esta medida prohibitiva que talvez achasse desculpa na épocha passada do exclusivismo, é necessario lembrar se, que sendo a maior parte d'estes objectos producção de Portugal e não de colonias portuguezas, apenas um até dois navios cada anno, vindos da Metropole, tocam em Moçambique na ída ou na volta da India, onde vendem algum vinho, azeite, presuntos, e objectos de comida para poder completar a sua carga (*); que por consequencia a provincia achar-se-hia inteiramente falta das commodidades da vida, que todas necessita lhe venham de fóra, se as não tivesse por meio do contrabando.

Em 1847, quando passei por Moçambique, um barril de vinho custava 20$240 réis de Portugal, (22 pesos columnares) e não o havia. Os outros productos de fabrica portugueza estavam em proporção.

Em quanto a polvora, que serve de dinheiro nas transacções do interior da Africa, não se póde alcançar senão por meio do contrabando, pois é depositada nas fortalezas, e ninguem a póde vender, porque os Governadores receiam que os pretos se sirvam della para nos mover guerra. Escusado era dizer que este receio é infundado: a estatistica das batalhas ha muito tempo provou, que o combate com armas de fogo é menos mortifero que o combate com armas brancas, e menos perigoso é ser ferido por uma balla do que por uma frécha envenenada, de que usam os pretos nas guerras. Bastava para conservarmos uma grande superioridade sobre elles, evitar, que possam ter artilheria, arma que lhes infunde um grande terror. Esta prohibição de vender polvora é tanto mais de lastimar, que a India tem uma fabrica que abunda em generos, os quaes, aperfeiçoados, pela sua barateza e pela facilidade de conducção, achariam grande consumo na Africa, e seriam objecto de negocio importante, assim como o das armas de fogo.

Os generos que a provincia de Moçambique póde exportar, segundo a disposição do Artigo 2.° do Decreto de cinco de junho do anno de 1844, são os seguintes:

Barrotes de Mucurussi. — Cairo. — Café. — Calumba. — Cauril. — Cavallo marinho. — Esteiras finas e grossas. — Farinha de pau. — Fumbas ou golpelhas. — Gomma copal. — Marfim. — Manná. — Pau preto (ebano). — Pontas de abada. — Senne. — Traves ou vigas. — Tabaco. — Tartaruga. — Urzella.

De todos estes generos, e de outros muitos que a Africa poderia exportar, mui poucos são aquelles que sahem da provincia. O marfim, o cavallo marinho, a gomma copal, a ponta de abada, a tartaruga e alguma cêra, producto novo e que póde vir a ser importante pela sua boa qualidade, constituem quasi toda a exportação da provincia.

Em quanto á urzella, saíu uma porção della em 1844, mas o Governo tendo feito d'ella monopolio, sem ter dinheiro para compral-a dos particulares, estes a queimaram e anniquilou-se d'este modo um dos ramos mais ricos do commercio da Africa. Quantas vezes os nossos Governos cahem em similhantes erros que se tornam prejudicialissimos ao desinvolvimento do commercio!

Eis-aqui as importações e exportações principaes do anno de 1845 com as quantidades importadas ou exportadas de cada uma das verbas.

Importação:

Estofos de algodão de differentes côres fabricados na India.	Zuartes	25221	peças.
	Dotins	2485	»
	Sumateres	171	»
	Travatas	304	»
	Ardians	1687	»
	Capotins	18	»
	Canequins	2237	»
	Riscados	10	»
	Palanganas	45	»
	Maravanins	12	»
	Calanganins	2806	»
	Challes	1603	»
Missangas		1878	massos.
Ferro em barra		1556	arrobas 11 arrateis.
Enxadas		45267	

Exportação:

Marfim	7398	arrobas	2	arrateis.
Tartaruga	»		178	»
Ponta de abada	127	»	2	»
Cêra bruta	41	»	7	»
Cavallo marinho	333	»	22	»
Gomma copal	1069	»	8	»
Pau preto	229	»	9	»
Columba	185	»		
Caury (*)	4425	panjas de 40 libras.		
Conxas e busios	14960			
Esteiras finas	64			

Em fim estas verbas com algumas outras importações como gado vaccum de Madagascar, louça, presuntos, queijos, aguas ardentes e genebra, que por não serem objecto de negocio seguido não notei aqui, constituem o commercio da provincia de Moçambique que em 1845 deu o resultado seguinte:

Total da importação e da exportação.

928:558$557 réis fracos da provincia, ou
232:139$639 réis fortes de Portugal.

Total dos direitos.

104:555$148 réis fracos, ou
26:138$787 réis fortes.

(*) Os navios de Portugal entrados em Moçambique no anno de 1845, foram, a fragata D. Maria II, de volta da India, e o brigue União, que para lá ía.

(*) Caury: busios mui pequenos que servem de moeda na China.

Á simples vista nota-se esta insignificancia do commercio de uma provincia que tem 180 leguas de comprimento; mas isto não nos ha de admirar quando soubermos, que este commercio não é a terça parte d'aquelle que se faz na costa por contrabando. Contam-se pouco mais ou menos 120 pangaios (embarcações mouras costeiras) que contém quasi tanta fazenda como um brigue pequeno, que andam constantemente empregados no contrabando, fóra as embarcações de gavias que vem á escravatura e descarregam polvora, aguardente, fazendas e dinheiro sem pagar direitos.

Em Angoxe, que demora 20 leguas ao sul de Moçambique, estavam no mez de agosto de 1847, 18 pangaios a negociar, e de certo nenhum delles tinha pago os direitos por não haver alli alfandega nem auctoridade alguma portugueza.

Os generos exportados vão todos á India Ingleza, levados em navios da provincia, os quaes voltam por Goa a comprar o retorno mui inferior ás necessidades da Africa. Este retorno consta principalmente de zuartes, estofos d'algodão azues e de côr com os quaes se vestem os pretos, de enchadas feitas na nossa India, de missangas de Italia de differentee côres, unico ornato das mulheres, algumas fazendas para o uso dos brancos, moveis e trastes da India e alguns outros objectos do serviço de casa em pequena quantidade.

Mui desejaria appresentar um mappa geral da Alfandega, mas nem na Secretaria do Governo, nem na Alfandega existia: foi por partes que pude colher alguns documentos vencendo grandes difficuldades. Um Mappa completo e correcto da Alfandega nunca lá existiu, nem tam pouco um mappa da população!!

Se procurarmos as causas desta miseria em uma colonia que conta hoje mais de trezentos annos de existencia, quando as mais insignificantes colonias inglezas d'Africa, que não contém a metade da antiguidade das nossas, augmentam progressivamente em prosperidade, e em civilisação e são hoje mui superiores ás nossas em riquezas, tantas acharemos que ser me ha impossivel narral-as todas, pois que a minha pouca demora n'aquelle triste paiz não me deixou estudar com bastante madureza a sua organisação: tratarei com tudo de expôr as de mais vulto, e as que uma convicção sincera e profunda me offerece como mais prejudiciaes ao bem estar da provincia.

D. Antonio de Almeida.

(Continúa)

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES

DE 27 JULHO A 2 DE AGOSTO.

Diario n.º 178.

624 Nota dos bilhetes creados por Decreto de 30 de outubro de 1847, que foram recebidos em pagamento da quarta parte dos direitos que se arrecadaram em varios cofres até 22 de julho passado.

Aviso da Junta do Credito Publico annunciando que só ás sextas feiras de cada semana é que continua o pagamento dos restantes premios da Loteria Nacional.

Dito n.º 179.

Mappa das sommas recebidas nas Caixas centraes da Thesouraria Geral para amortisação das notas, no valor de 3:788$400 réis.

Dito n.º 181.

Carta de Lei auctorisando o Governo a reformar a tabella dos emolumentos dos juizes.

FESTA DE S. SEBASTIÃO EM BEMFICA.

625 Foi brilhante e muito para vêr a festa do pobre martyr, que ainda ao cabo de tantos seculos, alimenta no coração dos fieis a santa chamma da devoção.

Lisboa correu toda para Bemfica.

As seges e o povo iam em fileira. Foi uma festa das que deixam nome. Os que na terra se chamam grandes, juntaram-se com os que menos representam nesta variada comedia da vida.

É tão formosa a egualdade, que se revela ante o altar!....

Não é um desejo dos homens, é uma graça de Deus.

As vozes, que dirigidas pelo mais distincto genio musico da nossa terra, se uniram para louvar tão alegre dia, eram todas de mui distinctas e devotas senhoras.

As Exm.as Sr.as Duqueza da Terceira, Marqueza de Fronteira e filha, Condessa de Linhares e sua cunhada D. Gabriella, Viscondessa de Fonte Nova e filhas; eis aqui as illustres cantoras, que eram presididas pelo Sr. Manoel Innocencio tão apreciado e querido de nós todos.

Em dois dias consecutivos o povo de Bemfica e arrabaldes folgou á moda antiga da nossa terra, com a alegria no rosto e a Cruz enfeitada do presbitero no pensamento.

PRAÇA DE LONDRES.

626 26 DE JULHO DE 1848.

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco.....	7 p. %	198	199½	Por 100.
Consolidados.....	3 »	86⅜	½	»
Redusidos.....	3 »	86⅜	½	»
Fundos.....	3¼ »	86⅞	87	»
Exchequer bills.....		40	3 março	Premio.
		36	9 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas.....	4½ »	67	70	Por 100.
Brasileiros.....	5 »	69	71	»
Dinamarquezes...	3 »	70	72	»
Hispanhoes.....	5 »	11½	12	»
D.os.....	3 »	20½	22	»
Hollandezes.....	4 »	70	72	»
D.os.....	2½ »	43½	44½	»
Mexicanos.....	5 »	17¼	17¾	»
Portuguezes.....	4 »	18	19	»
D.os consolid., 1841	—	18	19	»
D.os divida interna.	—	Sem preço.		—
Russos.....	5 »	97	99	»

CAMBIOS.

Lisboa.....	52		Por 1$000 rs.
Porto.....	52¼		»
Rio de Janeiro.....	22½	23	»
Bahia.....	—	—	—

Amsterdam	12	2	12	2¾	£
Hamburgo	13	11½		¾	»
Paris	25	40		45	»
Genova	25	90		95	»
Trieste } Vienna }	Sem cotações.				
Madrid		43		½	Pezo.
Cadiz		47		½	»

CHOLERA MORBUS.

627 O boletim da cholera publicado em S. Petersburgo, no dia 30 contém o seguinte. — No dia 29 de manhãa existiam 1,029 doentes: durante o dia occorreram 719 casos novos: as curas foram 41, os mortos 356. Na manhãa do dia 30 existiam 1451 doentes. — Extracto do *Correio Mercantil de Genova* de 17 de julho.

PREÇO DOS CEREAES EM COIMBRA E PORTO.

628 Pelo ultimo correio consta, que em relação ao alqueire, era o preço dos seguintes generos.

Trigo, 400. — Milho Branco, 270. — Milho Amarello, 260. — Cevada, 160. — Feijão, conforme as qualidades de 220 a 300.

No Porto em 28 de Julho. — Trigo, 800 a 900. — Milho, 380 a 400. — Centeio, 320 a 340. — Cevada, 260 280.

LIGA PROMOTORA DOS INTERESSES MATERIAES DO PAIZ.

629 Consta-nos que esta reunião para a qual publicámos o respectivo annuncio em o numero anterior, será muito concorrida.

Quanto mais fôr o numero de pessoas que concorrer e a competencia nas materias, que ahi se tractarem, mais vantajosos serão os resultados. Desejamos que tão proveitoso pensamento se realise.

THEATRO DE D. MARIA II.

630 A primeira representação do *Alcaide de Faro*, Drama do nosso collaborador, o Sr. Cascaes, foi uma completa ovação para o auctor, para a sociedade e para os actores em geral. Ainda n'aquelle Theatro se não representou Drama, que fosse recebido com mais enthusiasmo. As enchentes, que se estão repetindo, são uma devida recompensa a tão grandioso espectaculo, fructo de uma rara intelligencia e do mais aturado zelo pela nossa Arte Dramatica. — No primeiro numero, esperâmos poder dedicar a este assumpto o espaço que merece.

PRAÇA DE LISBOA.

2 DE AGOSTO.

631 Fundos publicos de 5 e 6 por cento — os preços são nominaes. — Acções do Banco de Portugal, são procuradas por 375$000 rs. — Acções da Companhia União Commercial 57$000 a 58$000 rs. — Acções do Fundo de Amortisação, com os 7 e meio por cento, paga 40 por cento. — Descontos de Notas, por moeda, 1$820.

ILLUMINAÇÃO DE GAZ.

632 Ha quatro noites que a cidade presenceia um brilhante ensaio da illuminação por meio de gaz. — Seria difficil assentar sobre uma experiencia, em parte incompleta, uma opinião sobre a maneira como a Companhia estabelecerá o systema de illuminação. No entanto o ensaio tem agradado, e nós desejâmos que seja agoiro de optimos resultados. O effeito da luz do gaz é digno de vêr-se.

EXPEDIENTE.

— Ás repetidas e justificadas queixas que temos recebido da maioria dos nossos assignantes das provincias, só podemos responder com a firmeza, de que continuaremos a usar contra o arbitrio do Correio, que sendo a REVISTA um jornal litterario, a está taxando como se fôra um jornal politico. Neste ponto não ha de ficar da nossa parte e da Empreza um só dever por cumprir.

— Pede-nos o Sr. Mendes Leal, que em seu nome roguemos aos leitores da REVISTA, para que hajam de o desculpar de não ter ainda cumprido, o que de tam boa vontade prometteu, ácerca da morte de Chateaubriand. Nós só damos conta deste pedido porque veio acompanhado do offerecimento de mais uma daquellas formosas composições do seu raro engenho.

— Recebemos o jornal que nos foi remettido por um dos mais distinctos inglezes dos que residem em Lisboa; e brevemente faremos conhecer o util artigo, que nos foi recommendado ácerca dos meios de acudir aos incendios.

— Pela sua extensão ainda não podemos lêr o artigo que ácerca de *Instrucção publica*, nos foi remettido de Suções pelo ultimo correio.

— Podemos asseverar aos nossos leitores que o Sr. Cascaes se dignou conceder-nos o singular favor de publicarmos o improviso do trovador, no 1.º acto do seu drama o *Alcaide de Faro*, bem como a Xacara do 4.º acto.

— Tivemos noticia de um aperfeiçoamento feito pelo Sr. Plancher, Engenheiro francez, residente em Lisboa, em a Nora Mourisca: não podemos hoje tractar deste assumpto.

— Concordamos com as idéas do artigo que recebemos sobre saude publica; mas para o publicarmos na REVISTA, é mister que a fórma como são appresentadas se modifique conforme exige o plano deste Jornal.

— Recebemos e serão publicados os seguintes artigos que muito agradecemos.

— Enterramentos prematuros pelo Sr. Dr. Guilherme Abranches.

— Poesia do Sr. J. M. Campêlo.

— Mosteiros *duplicia* do Sr. Abbade Castro.

— Molestia das Larangeiras por C...

— Poesia do Sr. José Maria de Sousa Lobo.

O jornal já ía a entrar no prélo, quando recebemos a noticia de que se havia verificado a interpelação ácerca do modo como se tem executado a Lei sobre o porte dos jornaes. Todos se manifestaram contra o arbitrio como era de esperar. Nós agradecemos ao Sr. Antonio da Cunha Sotto Maior e ao Sr. José Bernardo da Silva Cabral, como toda a imprensa litteraria lhe deverá agradecer o empenho com que defenderam os nossos foros offendidos pelo arbitrio que se tem opposto ao cumprimento da Lei. O Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiro asseverou, que se iam tomar as providencias, que este assumpto exige, para que as intenções da Lei e da Camara se realisem. Aguardamos o resultado.